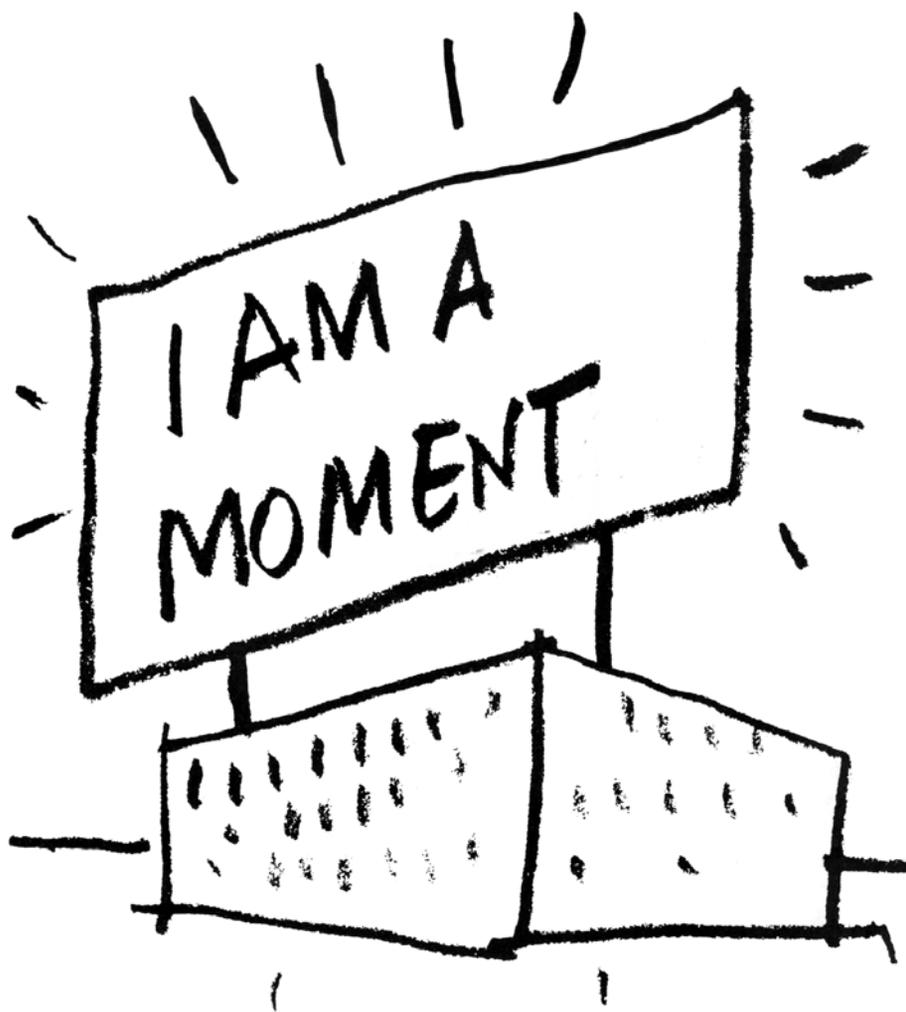


Novas Memórias

Carla Lopes



"I am a Moment". [Fotomontagem]

CyberCities (1996), de M. Christine Boyer, parte de três pressupostos: a máquina está para o Modernismo como o computador está para o Pós-modernismo; a cidade é um tema que tende a desaparecer do debate crítico de arquitectura; os conceitos de tempo, espaço e arquitectura discutidos por Gideon, foram condensados e erradicados pelo imediatismo dos modos de telecomunicações, telemarketing, telepresença, que transferem os nossos cinco sentidos para as máquinas.

A noção de “cybercity” comporta a definição de ciberespaço descrito através de uma figuração das características do espaço virtual de uma rede de computadores num contexto arquitectónico, comparando-o a um lugar pós-moderno, desordenado e decadente, uma megalópolis sem centro, uma espécie de cidade e periferia simultâneas, uma selva urbana. Esta analogia, uma mistura entre ciberespaço e distopia urbana – aqui referida como *CyberCities* – converte o tempo e o espaço numa matriz imaginária de computadores que ligam em rede lugares de todo o mundo, comunicando de forma multilinear e não sequencializada. Os efeitos que os mundos da inteligência artificial e do ciberespaço provocariam nos modelos conceptuais de espaço, e no desenho arquitectónico e urbano pressupõem uma mudança da cidade-máquina do Modernismo para uma cidade-informacional do Pós-modernismo. A um espaço definido segundo uma geometria tradicional de estradas e edifícios sucede “uma nova eterealização da geografia”¹, uma ininteligível alteração dos princípios do tempo e do espaço, expressando-se através de diagramas, redes e matrizes. A ordenação temporal e espacial da matemática dos computadores conduz, por sua vez, a uma paisagem artificial. Isto é, o acto de seleccionar informação, cortá-la, editá-la e reorganizá-la, que nos foi sendo transmitida por processadores de texto, videogravadores, entre outros, emerge na cidade sob a forma de mensagens, associadas sobretudo à publicidade, o que faz com que as imagens por elas veiculadas, suscitem uma crise da imagem poética, que se expande também até à arquitectura.

Consciente da íntima ligação entre imagens, imaginação e memória das cidades, e da dificuldade em formar uma imagem da cidade em tempos de saturação visual, Christine Boyer analisa dois mecanismos de memória. A “arte clássica da memória”², “depende de uma construção mental de um imaginário mas complexo cenário arquitectónico, que contém uma série de lugares, ou *loci*. Nestes sítios, imagens vívidas ou ícones representando o que deve ser lembrado são armazenados mentalmente” (Boyer, 1996: 139). Trata-se de tomar a parte pelo todo, abreviando a quantidade de informação, elegendo pontos marcantes e representativos que ajudam a construir um mapa mental, que ajuda a imaginar o resto.

¹ Expressão usada por M. Christine Boyer em *Cybercities*, p.15

² A expressão e definição de “arte clássica da memória” presente em *CyberCities* pertencem a Frances Yates, citada a partir de *The Art of Memory* (Chicago: University of Chicago, 1966)